

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -
Número avulso
25 centavos

Redacção e Administração
Carvalhal — Barcelos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
P. GAMENT. ADIANTADO

Director, Administrador e Proprietário

P.º José A. Aires

EDITOR

MIGUEL JOSÉ LEITE

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA



O Evangelho

Jesus disse aos seus discípulos esta parábola: certo homem era rico e tinha um feitor, o qual foi acusado perante êle de dissipar a sua administração, e chamou-o, dizendo: «Que coisas ouvi de ti! Dá-me contas da tua administração, que não te confiarei mais». O feitor disse consigo: «Que farei, visto o meu senhor me tirar o emprego? Cavar não posso; mendigar tenho vergonha; já sei o que farei para ser recebido por todos». E convocando cada um dos credores do seu patrão, disse ao primeiro: quanto deves ao meu senhor? e esse respondeu: cem cântaros de azeite». Toma a tua obrigação, assenta-te aqui e escreve cincoenta.» Depois ao outro: «E tu quanto deves?» Cem moios de trigo». Disse-lhe: «Toma a tua letra e escreve oitenta». E o senhor louvou a iniquidade do feitor, por proceder com prudência: pois os filhos deste século são os mais prudentes na sua geração que os filhos da luz. E eis que vos digo: «Fazei para vós amigos com a riqueza da iniquidade, para que ao morrer vos recebam nos eternos tabernáculos.»

Os filhos do século e os filhos da luz

Os filhos deste século são mais prudentes que os filhos da luz.

E' cheia de ensinamentos esta parábola do ecónomo infiel do Evangelho de hoje. Meditêmo-la convenientemente para proveito de nossas almas.

Este homem rico é Deus, o Senhor de todos os bens; o feitor é cada um de nós, a quem Deus confiou os seus bens para que rendessem em ordem à glória do mesmo Deus e à nossa própria santificação: bens de inteligência e de talento, de amor, de riquezas, de Sacramentos, de santas pregações, de bons impulsos.

O feitor foi acusado, perante o seu amo, de dissipar a administração dos bens confiados à sua guarda. Deus tudo sabe; conhece os que lhe são fiéis e os que o não são, os zelozos e os negligentes; se se cala, se não fere, é porque a sua misericórdia é paciente, dando-nos tempo para nos arrependermos, de reparar as ofensas de que somos culpados para com êle, até chegar o tempo da sua justiça e de nos chamar perante o seu tribunal: e chamou-o. Todos seremos chamados, uns após outros, mais cedo ou mais tarde. E começa o interrogatório.

Que coisas ouvi de ti! Ouço mil queixas a acusar-te. Escravizaste a consciência que geme; tinha-te dado a consciência para ser a tua regra, o teu guia, e em vez de escutares a sua voz, de caminhar guiado por essa luz, abafastes os

seus gritos, prendeste-a na iniquidade, e ela queixa-se da violência que lhe fizeste.

Os pobres que devias socorrer, segundo as tuas posses, meus amigos e teus irmãos, queixam-se do teu abandono e da dureza do teu coração.

O sangue de meu filho, que entreguei por teu amor, esse sangue que calcaste aos pés, que desprezaste ou profanaste nos Sacramentos, o sangue de meu Filho grita vingança contra ti.

Os meus ministros que insultaste, esses homens de paz que te instruíram na infância, que te guiaram na mocidade e consolaram nas provações, os meus ministros gemem com as tuas desordens. O grito do coração dêles soba até mim...

Vejamos: dá-me contas da tua administração.

Palavras terríveis! Ser-nos hão dirigidas um dia e ressoarão aos nossos ouvidos como o trovão que, no meio duma noite profunda, vem de repente despertar-nos do sono.

Cristão infiel: nasceste de pais virtuosos, no seio da verdadeira Igreja, e portanto no meio de todas as graças para obteres a salvação. Para te santificares, tinhas os Sacramentos, as instruções, os bons exemplos, os conselhos sábios, os remorsos da consciência. Como aproveitaste todas estas graças? Dá-me contas da tua administração que não te confiarei mais.

Virá pois um dia em que Deus nos retirará todos os seus bens, em que não haverá mais graças para secundar, talentos para frutificar, méritos para adquirir. Esse dia chegou já para muitos que conhecemos: para nós chegará também; e quando chegar, e que nos seja tirada a administração dos dons de Deus, será para sempre.

Não tiraremos algumas conseqüências práticas duma verdade tão terrível? Vivemos sempre como se este mundo nos pertencesse, como se não devêssemos sair mais dêle? Ah! não esqueçamos nunca de que caminhamos para uma destas duas alternativas: ou uma eternidade de suplicios, se somos pecadores; ou uma eternidade de delícias, se somos fiéis.

Que farei? pergunta a si mesmo o ecónomo infiel; como desviar de cima de mim os males que me ameaçam? e é então que imagina um meio mais esperto do que justo, o que explica estas palavras de Jesus Cristo: Os filhos deste século são mais prudentes na sua geração que os filhos da luz.

Os filhos do século são os que não sonham senão com a vida presente, que não se ocupam senão com os interesses da terra. Os filhos da luz são os que sabem que há uma ou outra vida, que aspiram à vida eterna, que a desejam e querem salvar-se. Temos a felicidade de ser deste número, mas comparemos a nossa prudência nos interesses eternos com a prudência dos mundanos nos interesses tem-

porais, vejamos como a dêles é superior à nossa.

Superior na acção: êles não temem os trabalhos porque sabem que nada obtêm sem custo; a nada se poupam: diligências humilhantes, serões prolongados, viagens, fadigas, coisa alguma os desanima.

Superior na reflexão: querem saber tudo o que lhes pode ser útil. Estudam, examinam, aprofundam, consultam, interrogam; toda a actividade do espirito dêles se concentra no que desejam e lhes aproveita.

Enfim, superior nos expedientes: não os desanima o insucesso, tiram até partido dos maus negócios; é então sobretudo que parece redobrar a sua actividade. Não há meios que não inventem, tentativas que não façam, inergias que não ponham em acção; e, nas maiores desgraças, possuem o segredo de achar ainda recursos; é testemunho disso o ecónomo infiel de que fala Jesus Cristo.

E enquanto êstes homens são tão prudentes para a terra, porque é que nós somos tão descuidados para o céu?! No negócio da salvação, queríamos que tudo fôsse cómodo, e abandonamos o êxito se, para o conseguir, precisamos de trabalhar e combater.

Em religião, cremos saber tudo, e não tratamos de aprender mais; nas lutas pela virtude, o menor revez nos desanima, desesperam-nos as recaídas, e em lugar de meditar no meio de reparar o passado e de nos acautelarmos no futuro, em vez de nos animarmos com um novo ardor e de tomar novas precauções, somos tentados a abandonar tudo...

O meu Deus! não me envergonharei da minha imprudência, da minha irreflexão, da minha tibieza num assunto em que se trata da nossa glória e da minha salvação eterna, quando os filhos do século são tão atentos, tão prudentes, tão laboriosos e perseverantes para chegar aos seus fins? Possa a conduta dêles ser uma lição sempre viva que me ensine o que devo fazer por vós e me sustenha no caminho difícil da virtude.

Tomo a resolução prática de sacrificar tudo pela salvação da minha alma.

Calendário da semana

JULHO

- 10 Domingo. 8.º do Espírito Santo.
- 11 Segunda. S. Pio I P. M.
- 12 Terça. S. João Gualberto Ab.
- 13 Quarta. St.º Anacleto P. M.
- 14 Quinta. S. Boaventura B. Dr.
- 15 Sexta. Bb. Inácio de Azevedo, e Comp. Mm.
- 16 Sábado. N. Senhora do Carmo.

Crónica da Semana

Organização associativa dos Menores.

— Um dos assuntos de grave importância e enorme utilidade prática versado na Secção de Estudos do Congresso Catequístico Nacional foi o da organização das crianças que saídas da catequese, devem engrossar no movimento associativo, que as preserve, quanto possível, do erro e dos vícios.

Ninguém ignora que a associação é hoje uma grande força e que nos grandes meios, sobretudo o movimento associativo é geral necessário, dominante. Se é este o estado actual da sociedade não há maneira de lhe fugir, antes o que convém é utilizá-lo de forma a atingirmos por elle o nosso ideal. As crianças de hoje, irão, portanto, amanhã para as associações e nelas seguirão pela vida fóra.

Que importa, pois? O que mais importa é que elas, saindo da catequese, vão logo para instituições católicas, que não só lhes conservem os sentimentos religiosos, mas lhes radiquem e aumentem com uma sólida instrução e piedade constante.

Este problema é de capital importância. Não basta cultivar bem a planta no alfôbre; é necessário o ampará-la depois, e favorecer o seu desenvolvimento para ella mais tarde produzir lindas flores e ótimos frutos.

Ora a resolução do problema na sua delineação geral, está neste pé: Na Catequese inicia-se movimento associativo pelas Cruzadas Eucarísticas, Pagens do Santíssimo Sacramento e congéneres agremiações. Feita a primeira comunhão, terminada a Catequese infantil, vem o perigo. A criança, desviada do olhar constante do pároco, entretida com serviços dos pais e atraída por folguedos no mundo pode desorientar-se, perder-se. Deve iniciar-se no movimento piedoso das Congregações de Nossa Senhora e do Apóstolado, e carece dos cuidados vigilantes de um Patronato. Os patronatos seriam ótimos se houvesse meios de multiplicar, de sorte a adaptarem-se as necessidades da idade. Certamente as condições de um jovem dos 12 aos 14 anos são diferentes da, dos 14 aos 18 anos.

Dos 18 anos para cima, durante o período próprio, que não deve ir além dos 30, as juventudes católicas, bem organizadas e disciplinadas e definidas, devem ser a associação preferida. Estamos longe da organização modelar destas associações.

Mas devemos trabalhar por atingirmos esse ideal. Como?

Uma das dificuldades na organização das juventudes está na selecção. A selecção, sobretudo a inicial, é de uma influência decisiva na estabilidade e desenvolvimento da associação. Elementos seguros, como pedras basilares do edificio, muito embora em reduzido número, eis o primeiro passo. Depois, as circunstâncias dirão.

Em segundo lugar são indispensáveis os atrativos e estímulos. Para isto, seguindo a corrente moderna, como não pode deixar de ser, os campos de jogos e salões de espectáculos estão naturalmente indicados. Uma boa regulamentação coroará a obra.

Os trabalhos excessivos do Congresso não deixaram pormenorizar os estudos práticos deste problema,

Não quiere isto dizer que ficarão esquecidos. Como a necessidade e oportu-

nidade os exigem, continuarão a ser profundos e regularizados.

Trata-se de uma questão educativa, e a educação cristã deve ser, em pleno, a argamassa do edificio social. Por isso a tese da organização associativa juvenil, apesar do encerramento do Congresso, continua em discursão. Aos R. Párocos interessa a melhor resolução. Eles que digam da sua justiça. Enquanto se não procurar uma reunião magna para se apurar o assunto, fica aberta a inscrição nas colunas da «Cruzada» para o registo de alvites e explanação de doutrina!

Cá esperamos.

*

Catequistas — Outro assunto de magna importância, a formação de catequistas. Assunto resolvido? Não senhor. Tem-se remediado com o recrutamento de pessoas que se julgam mais habéis, mas a verdade é que sem preparação condigna ninguém se pode tornar apto para o cabal desempenho de qualquer função.

O ensino catequístico não está apenas no fazer decorar as fórmulas doutrinárias. É necessário que estes sejam quanto possível compreendidas e facilmente assimiladas. Isto exige o estudo da índole e aptidões da criança e, conforme os resultados desse estudo, a aplicação daquelas fórmulas.

O officio de catequista tem a responsabilidade de um verdadeiro magistério. Exige, pois, uma responsabilidade que vai da competência técnica à respeitabilidade individual.

Formar catequistas, eis uma questão basililar. Do bom resultado desta questão depende o futuro da Catequese. E esta é tão exigente, conforme as circunstâncias do local do ensino e da condição social da criança etc!

*

Orçamento do Estado. — Está publicado o novo orçamento do Estado! Continua com *superávit*, o que é um bom sintoma. O equilíbrio das finanças tem uma forte influência no equilíbrio moral das populações.

O exemplo vindo do alto fructifica melhor. Desde que a honestidade impera na administração dos dinheiros públicos a confiança e a moralidade dinamizam-se e tornam-se consistentes.

A administração do tesouro levanta o crédito da nação. Pode dizer-se que de pequenos, que somos, nos tornamos grandes aos olhos dos poderosos. Por isso o orçamento agora publicado não só nos honra como impõe a nacionais e estrangeiros, quaisquer que sejam os nossos sacrificios.

Felizmente podemos dizer que o deficit já não é doença endémica do país.

*

D. Manuel de Bragança. — Uma noticia inesperada veio enlutar uma boa parte do país. A causa monárquica sofreu o rude golpe da morte de D. Manuel de Bragança, o rei proscripto.

Ninguém o acusa de ter sido funesto ao seu país, antes a grande imprensa lhe tece elogios merecidos.

Longe da sua pátria, sempre português de lei, a sua morte não podia deixar de causar a maior impressão.

Curvemo-nos perante os designios de Deus e sufraguemos a alma do illustre extinto.

HEROISMO DE UM DOENTE

É uma história bem triste a de Mrs. Phythian, aquella mãe católica que há pouco presenciou a morte do único filho que elle restava, afogado em Blackpool, quando tentava salvar um ministro protestante.

Seu marido foi morto há quatro anos numa fábrica de aço em Birmingham. O choque produzido por essa morte obalou rudemente a saúde do filho mais velho, que faleceu poucas semanas depois; e o ano passado o filho segundo, professor na escola de St. Aidan, sofreu um desastre mortal de motocicleta ao regressar de St. Anes-on-Sea onde fôra visitar sua mãe.

Estava pois Mrs. Phythian havia seis semanas em Blackpool com o seu último filho, o seu estremecido Francis, alma de herói num corpo debilitado pela doença e que justamente começava a retemperar-se com as emanações do Oceano.

Naquella manhã mãe e filho, sentados no cais, repousavam com o olhar perdido na imensidade.

De repente Francis Phythian solta uma exclamação de surpresa: um pastor protestante, idoso, desconhecido, que havia pouco fôra visto na extremidade do cais, debatia-se no meio das ondas aflutivamente.

Nada detém o jovem, nem o terror de sua mãe nem a sua precária saúde.

Correndo, arranca as peças do vestuário que mais podiam embarçá-lo, agarra uma bóia e precipita-se nadando vigorosamente na direcção do velho. Cedo o alcançou apesar do forte vento leste que agitava a maré vazante e por uns dez minutos viu-se Francis a agarrá-lo com desespero. Então as forças abandonaram-no e o corpo do ministro afundou-se para sempre.

Entretanto alguns homens do salva-vidas lançaram à água um gasolina, encontrando o corpo do corajoso moço algum tempo depois, já a cerca de uma milha de distancia.

Um rapaz, empregado no cais, esforçou-se também por salvar Phythian. Atirou-se ao mar com um cabo de solvação em volta da cinta, mas, arrastado pela maré, só por feliz acaso conseguiu salvar-se.

A dor da pobre mãe ao trazerem-lhe o corpo inanimado do filho impressionou profundamente quantos a rodeavam. De tarde no presbitério da Igreja do Coração de Jesus, teve uma entrevista com o Reitor que procurou consolá-la e infundir-lhe resignação e que no dia seguinte, um domingo, na igreja fez o elogio de Francis, annunciando que o funeral se realizaria na terça-feira depois da missa de Requiem. Mrs. Phythian assistia entre os congregados do Coração de Jesus.

O chefe da policia de investigação de Blackpool quando do inquérito fe to sobre a morte do valoroso jovem proferiu as seguintes palavras:

— «Creio que jámais se efectuou em Blackpool um acto tão heroico e pela minha parte nunca me constou outro que possa comparar-se-lhe.

«Avalio quanto sua mãe estará sofrendo mas deve confortá-la a ideia de que o filho era um valente que deu a vida pelo seu semelhante. Francis Phythian tinha bem poucas probabilidades de êxito quando se arremessou ao mar e eu creio firmemente que elle o sabia».

É' opinião geral em Blackpool que, se a maré não estivesse na vazante, o corajoso mancebo teria realizado o seu admirável intento.

VOTÍCIAS VÁRIAS

Com a proclamação da República em Espanha ficaram no mundo apenas doze reis, a saber:

Jorge V, de Inglaterra; Victor Manuel, da Itália; Alberto, da Belgica; Gustavo, da Suécia; Cristiano, da Dinamarca; Guilhermina, da Holanda; Carlos, da Romania; Boris, da Bulgaria; Hirohito, do Japão; Pradhipok, de Sião; e Ras Tafari, da Abissinia.

A senhora Kraenzer, uma alemã, que tem 106 anos de idade, comemorou a passagem do seu aniversário, discursando diante do microfone do posto rádio-telefónico de Colónia.

Duzentos grévistas das minas de carvão de Tckano, em Kyn-Su, adoptaram o novo método de ficarem no sub-túnel, recusando-se a subir e tendo mandado dizer, pelas mulheres que trabalham na mina, que permaneciam ali enquanto as suas reclamações não fossem satisfeitas. As famílias levavam-lhes comida.

A greve foi motivada pelo facto de terem sido despedidos certos operários de outras minas.

A Inglaterra conhece uma nova profissão: a do desempregado de luxo.

Não tendo nunca feito nada na sua vida, finge não encontrar trabalho, recebe uma boa subvenção de falta de trabalho, frequenta os asilos nocturnos situados a uns trinta quilómetros um dos outros, e superiormente organizados.

Depois de ter recebido gratuitamente uma boa ceia, um banho, uma cama e um pequeno almoço, vai de manhã munido dum boletim especial «procurar trabalho». O seu único trabalho consiste em procurar o asilo seguinte.

E assim o dia é agradavelmente cheio. Depois de ter passado uma semana muito agradável, o «sem-trabalho» manda colocar no seu cartão uma assinatura, proclamando que está sem trabalho e recommença uma nova semana... no mesmo modo de vida.

A Direcção Geral dos Correios de Paris resolveu inutilizar mais de 3.000.000 de cartas que, por insuficiência de direcção, não foram entregues aos seus destinatários.

Essa enorme porção de cartas que postas umas sobre as outras, atingiram a altura de alguns andares vai ser queimada na presença do pessoal superior dos correios, presidindo à augusta cerimónia o administrador geral.

Um célebre curandeiro duma localidade francesa, há pouco falecido, viveu persuadido de que vivíamos cercado de forças vitais muito poderosas comparáveis às ondas hertzianas das quais não sabíamos utilizar-nos. Acreditava em que tinha encontrado o meio de chamar essas forças, exercendo um encantamento especial seguido da imposição das mãos e da aposição dos lábios sobre a parte onde o doente dizia sentir-se mal. Diz-se mesmo que praticava verdadeiros milagres.

O curandeiro em questão considerava que o nosso corpo mental se banhava numa atmosfera especial, assim como o nosso corpo físico se banha na atmosfera aerea.

Esta doutrina deu-lhe glória e fortuna.

AINDA NÃO MORRO

Na Escócia, vasto país situado ao norte de Inglaterra, um Bispo em visita à sua diocese, perdeu-se numa floresta, e, como anoitecesse, foi bater à porta de uma humilde choupana. Nela encontrou uma pobre mulher rodeada de filhos, que o recebeu com agrado, e poz diante dele uma refeição modesta mas apetitosa.

Entretanto em todas as fisionomias transparecia uma tristeza mal contida. Observando-a o Bispo, dirigiu-se à boa mulher, e lhe disse: — Sois todos muito amáveis, meus amigos; mas parece-me que qualquer coisa vos apouenta.

— É verdade Senhor, — respondeu a mãe, que parecia esperar esta pergunta para desabafar a sua mágoa interior; e continuou:

— Sim, estamos muito tristes; aqui neste quarto próximo, meu velho pai está moribundo; e o que ainda mais nos aflige é êle estar persuadido de que não vai morrer e recusar com obstinação preparar-se para a morte.

— Posso ir vê-lo? — disse o Bispo entre surpreendido e interessado.

— De boa vontade, — respondeu a mulher com essa extrema confiança tão própria dos lances aflitivos; e imediatamente conduziu o seu hospede ao quarto do doente.

Com efeito o velho, que ali jazia num pobre catre, estava reduzido à ultima extremidade. Os primeiros sintomas da morte definiam-se já nas suas faces cadavericas. Contudo o doente continuava afirmando não estar para morrer já:

— Não, não morro ainda.

— Mas meu amigo, reflecta um momento, a sua doença junta à sua idade.

— Já lhe disse que não estou ainda para morrer. Não é possível.

E a todas as observações suscitadas para o convencer do seu estado, dava a mesma e invariável resposta:

— Não, não morro ainda.

— Por fim o Bispo exclamou:

— Diga-me então meu amigo por que tem tanta certeza do que afirma? Que motivo determina tão extranha convicção?

A esta pergunta o moribundo pareceu reanimar, e lançando ao seu interlocutor um olhar cheio de vida, perguntou-lhe em tom profundamente comovido:

— O Senhor é católico?

— Sou sim, respondeu o Bispo.

— Nesse caso vou-lhe explicar a razão por que julgo não estar ainda para morrer.

E reunindo as últimas forças, ergueu-se no leito e em voz alta e inteligível disse:

— Eu sou católico também. Desde a minha primeira Comunhão até hoje nunca deixei de pedir à Santíssima Virgem a graça de não morrer sem ter um padre junto do meu leito de morte. E por certo não julgais que a Mãe de Deus me não tenha ouvido. Não. É impossível! Não morro ainda.

A estas palavras o Bispo comovido até ao íntimo da alma, exclamou:

— Meu filho, a vossa súplica foi atendida! Quem vos fala é mais que padre é o vosso Bispo. Foi Nossa Senhora que me trouxe até aqui para receber o vosso ultimo suspiro. — E abrindo o manto fez brilhar aos olhos do velho a sua cruz pastoral.

Ao vê-la o doente, transportado de alegria, exclamou:

— Oh! Mãe Santíssima! Maria minha boa Mãe! Obrigado.

Voltando-se depois para o Bispo disse-lhe:

— Ouvi a minha confissão; agora sim, estou convencido de que morro.

Momentos depois, feita a sua ultima confissão, expirou santamente.

Esta singela narrativa, mais uma vez confirma a verdade das palavras de S. Bernardo: *Nunca se ouviu dizer que algum daquelles que tenha recorrido à protecção da Santíssima Virgem fosse abandonado.*

A Holanda conquista uma provincia

Ninguém de nós conhece os trabalhos gigantescos empreendidos pela Holanda para pôr a seco o lago Zydeizée, o lago interior que em 1282 um terrível cataclismo ligou ao mar.

O grande dique de barragem que une Wieringen e a Holanda setentrional à Fria devia ter ficado concluído há algumas semanas.

Violentas tempestades destruíram, porém, uma parte dos trabalhos, de modo que só dentro de alguns dias a Holanda poderá celebrar a conquista de uma provincia ao mar.

O grande dique, lançado ao mar alto, tem mais de trinta quilómetros de comprimento e sete metros e meio de altura acima do nível de Amsterdão. Mede cento e vinte metros na base. Uma parte do dique está já completamente terminada.

Foi constituida uma magnifica estrada para os automóveis, e uma passagem para as bicicletas; uma via férrea será construída igualmente para as necessidades da navegação. Abriam no dique três eclusas: duas para navios de duas mil toneladas e uma para os barcos de seiscentas toneladas.

VILA COVA

A 29 de Junho, foi batizado Paulino Manuel, filho de Rodrigo F. Rios Novais e de sua esposa, sr.^a Armina Figueiredo Mendes do Vale. Foram padrinhos os srs. Manuel Teotónio Mendes do Vale e Maria Figueiredo Martins de Miranda, avós maternos do neófito.

A 3 de Julho, foi batizado Vitorino, filho dos srs. Manuel José Gomes e de Olinda Gomes Cachada. Foram padrinhos os srs. Vitorino Joaquim da Cachada e Miquelina Gomes Cachada.

— Continua a melhorar, mas ainda em tratamento Amélia Carvalho.

— Muito mal, continua em atroz sofrimento a sr.^a Maria Ramos.

— Também parece que fica imobilizado Porfirio, filho do sr. Paulino Martins. A miningite não o matou, mas tolheu-lhe todos os movimentos.

A junta da freguesia tomou a iniciativa de proceder à limpeza do cemitério.

— Terminou o lanço de estrada que foi reparada com o subsídio pedido pela Junta e concedido pelo Governo.

É um bom melhoramento que ficamos devendo à situação actual. Pena é que não chegasse o concerto até ao cruzeiro paroquial.

Preciso é que todos continuemos a invidar esforços para conseguir os melhoramentos de que carecemos.

Ecoss da Franqueira

Ao iniciar a publicação do 1.º número deste pequeno semanário, convirá dizer quais os seus fins. O fim primordial está sintetizado nas duas palavras que encimam estas linhas: tornar conhecidas as grandes manifestações de fé e de devoção à Virgem, que sob o título de Nossa Senhora da Franqueira se venera na ermida do mesmo nome.

Na verdade, como poderíamos passar em silêncio e sem registo, numerosas peregrinações de crentes e devotos que, todos os domingos, vindos muitos deles de bem longe, sobem ao cimo do monte da Franqueira, para deporem aos pés da Virgem as suas promessas a trôco d'alguma insigne graça dela recebida? Mas não é só aos domingos que a Virgem da Franqueira vê na sua pequena ermida, reunidos pelo sentimento de fé, e gratidão os seus filhos e devotos: aos domingos, vê-os, é certo, em mais número, mas todos os dias ela é mais ou menos visitada por pessoas piedosas que lá se dirigem para lhe patentear o seu amor.

Escreto em linguagem simples, para compreensão de todas as inteligências, este pequeno semanário católico e Mariano, não deixará, por certo, de ter favorável acolhimento de todos os verdadeiros devotos da Virgem da Franqueira.

Registando as peregrinações que se realizarem à Franqueira, merecer-lhe há também particular cuidado tudo o que contribue para o aformoseamento do monte, de cujo cimo se desfruta um dos mais belos panoramas do nosso pitoresco Minho, não regateando elogios e louvores a todos os que, com afan, têm trabalhado e trabalharão por vê-lo transformado num novo Sameiro.

Cruzadas eucarísticas de Carvalho e Alvelos

Em peregrinação à Virgem da Franqueira, e acompanhadas dos seus respectivos párocos dirigiram-se à Franqueira no dia 3 cerca de 200 crianças da Cruzada Eucarística de Carvalho e Alvelos, com as suas insignias de Cruzadas simbolizando a pureza e inocência de seus corações infantis. A ermida da Franqueira foi atingida depois de caminhar perto de duas horas sob um sol abrasador. Às 11 horas o Rev.º pároco de Alvelos dispoz-se para celebrar na cepela, sendo recitado o terço pelo pároco de Carvalho, entrecortado nos mistérios por jubilosos cânticos dirigidos à Virgem, Mãe de Deus. À estação da missa o celebrante disse o fim que nos trazia ali, prestar o nosso culto e amôr a Nossa Senhora. Comungaram à missa umas trinta crianças da cruzada de Carvalho, que muito livremente quizeram fazer êsse sacrificio (e não foi pequeno) em honra de Nossa Senhora. Terminada a missa, foi mandado servir pelo pároco de Carvalho, o pequeno almôço, às crianças que se encontravam em je-

jum. De tarde, às 4 horas, encontravam-se de novo reunidas todas as crianças, depois de terem jantado na companhia de seus pais. A igreja agora é pequena de mais para conter a todos e é a custo que se obtém um logar lá dentro, ficando os mais retardatários cá fóra.

O Rev.º pároco de Alvelos recita o terço, e o povo e as crianças cantam, subindo no fim ao púlpito o digno pároco de Alvelos que, dizendo ir fazer uma alocução simples, proferiu um belo sermão, dissertando saber a educação cristã das crianças, e por fim fazendo a consagração a Nossa Senhora da Franqueira concluindo assim o passeio recreativo e religioso das crianças.

Maças do S. João

Em pêras de S. João todos têm ouvido falar. E quantos dos nossos estimados leitores, não terão provado essa qualidade de pêras, um pouco semssbores talvez, porém sempre bemvindas por serem as primeiras a amadurecer?

—Pêras de S. João, porquê?

—Porque amadurecem pelo S. João.

A denominação de pêras de S. João é antiquíssima em Portugal. Conhecemos, perto do Campo da Golegã, pereiras que, produzindo pêras dessas, contam muitos séculos de existência.

E lá fóra tem o mesmo patrono a apreciada sanjoaneira.

Na Alemanha, goza de fama. Chamam-lhe na pátria de Goethe: pera de João, *Johannesbirne*.

Quando as maças de S. João, talvez os nossos esclarecidos leitores tenham notícia delas, São apreciadíssimas nos países do Norte, nomeadamente na Inglaterra, onde até corre a seu respeito uma lenda que nunca ouvimos referir e abaixo transcrevemos, resumindo a narrativa.

A lenda é a seguinte:

Andava um lavrador pobre à rabiça do arado, na faina de lavar, quando viu caminhar para si um Peregrino com seu bordão.

O camponio conheceu que o caminheiro era peregrino, pelo trajo, e achou-lhe tão singular aspecto, que parou a fiel parrelha de cavalos atrelados à primitiva charua, estcou e pô-se à espera que o Desconhecido se aproximasse mais.

—«Bons dias, João», disse-lhe o Peregrino, ao absirar-se dele. «Eu te saúdo como Bispo que serás de Tongres».

Ora Tongres é cidade que fica entre Maastricht e Liège e tem ou tinha então grande fama pela sua água medicinal; e ao João deu-lhe vontade de rir a ideia que lhe pareceu estapafúrdia, de êle, pobre camponoz, vir a ser Bispo ou fosse o que fosse em tão importante cidade.

Concluiu, portanto, que a intenção do Peregrino era tornar-lhe aborrecida a sua obscura e humilde posição social e, por isso, replicou:

—«Retira-te, Tentador! Se o pau sêco, a que te arrimas, reverdecesse, cobrindo-se de folhas e desentranhando-se em frutos, então e só então eu poderia vir a ser Bispo de Tongres!!!»

E o honrado João sacudiu solenemente a cabeça bem pensante, certo de que tinha respondido bem ao Peregrino.

—«Nesse caso, olha e acredita, exclamou o Encoberto que, dito isto, espetou na terra recém-lavrada o seu bordão.

E logo o pau nu e ressequido se cobriu de nova casca, da qual brotaram tenros rebentos que se cobriram de flores, as quais, por sua vez, se transformaram em perfeitas e bem sazonadas maças».

Emudecido de espanto, o bom do lavrador olhava assombrado para a prodigiosa macieira e, quando voltou a si desse pasmo, já não viu o Peregrino que tinha desaparecido.

O vaticínio do Desconhecido, êsse cumpriu-se: João, o lavrador, veio com efeito a ser Bispo de Tongres e foi Santo.

A árvore do prodigio continuou a frutificar. Dela se tiraram garfos que, enxertados noutras macieiras, pegaram o, assim, em toda a região se espalharam as excelentes maças que pela primeira vez foram vistas no bordão do Peregrino pelo boquiaberto João.

Se alguma vez deparardes com maças amarelas listradas de vermelho, lembrai-vos desta lenda e ficai certos: são maças de S. João.

Qual é a definição do dever? E' o que é desagradável. — M.º de Bovef.

No país dos Vikings

Durante os últimos anos, os arqueólogos da Universidade sueca da Upsala empreenderam pesquisas cogoadas do melhor êxito em vários cemitérios antigos do distrito de Upsala, alguns quilómetros ao Norte de Stocolmo.

No de Vendal, trinta e oito quilómetros ao Norte de Upsala, haviam sido já encontrados vestígios de catorze braços pertencentes aos séculos oito a dez da nossa era e utilizados como túmulos para os sepulcros dos chefes e dos grandes guerreiros.

Entre os cemitérios recentemente explorados, o de Valsgaerde é o mais interessante. Merece sobretudo uma referência especial o rico conteúdo dos dois sepulcros que continham um barco, armas, utensílios de cozinha e, além do esqueleto do defunto, ossadas de diversos animais. Um dos elmos encontrados pôde ser inteiramente reconstituído. Data dos meados do sétimo século e é o exemplar mais completo que se possui do tipo escandinavo já conhecido em virtude de descobertas anteriores e cuja forma roubada ao modelo romano do exército de ocupação das fronteiras parece ter sido introduzida na Escandinávia no ano 400.

Este elmo é formado por uma calote de bronze e placas de bronze cobertas de filigrana de ouro. Cinco lâminas de bronze protegiam a nuca e uma sexta, mais larga, com dois artificios para os olhos, cobria o rosto. No meio da fronte está gravada a cabeça de uma serpente com arabescos entrelaçados dos dois lados. Os dois túmulos continham espadas com bainhas de couro, cujas guardas apresentam lindas filigranas e joias incrustadas. As placas dos arreios estão ornadas de motivos zoomórficos, oferecendo curiosas analogias com os motivos decorativos da arte irlandesa e os dos primeiros tempos da arte cristã.

Graças a estas preciosas descobertas, os sábios possuem agora dados rigorosos sobre o desenvolvimento de um período da arte até hoje tão mal conhecida.